

## ANTES DE COLOMBO

As idéias, como sementes, foram caindo em terreno fértil. Os jovens estudantes, inspirados pela pesquisa dos seus professores e intelectuais, foram desbravando novos caminhos. Não havia mais dúvida, panfletos, artigos de jornal e revistas, conferências em universidades, nas igrejas, nas lojas maçônicas, inflavam a auto-estima da raça negra: havia muito de história, antes da senzala. E essa história recuava a tempos primevos da aurora da humanidade, com a raça humana surgindo nos trópicos, biologicamente negra, como imposição do processo natural de vida naquela região. Expandia-se na mesma África para abarcar o Egito, governado por reis e rainhas vindos da Núbia, amalgamando-se raças diversas. Mas isso estava muito distante.

Assim, uma questão emergente começou a preocupar novos estudiosos, leitores e seguidores dos pioneiros. Haviam os negros chegado à América do Norte antes do Mayflower, navio que em 1620 trouxe os peregrinos brancos? Um jovem professor universitário, Ivan Van Sertima<sup>30</sup>, autor de estudos pioneiros de lingüística e antropologia, enfrentou o desafio, e depois de muita pesquisa teve publicado seu livro *“A presença africana na América antiga – Eles vieram antes de Colombo”*. O professor Van Sertima vasculha ao longo de sua obra a presença africana em terras do continente que viria a ser chamado de América. E conclui, citando um dos muitos pesquisadores que dão consistência a seu trabalho: *“O negro iniciou sua caminhada na América não como escravo, senão como senhor”<sup>31</sup>*

---

<sup>30</sup> - [www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0394402456/qid=1079316509/sr=1-1/ref=sr\\_1\\_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books](http://www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0394402456/qid=1079316509/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books)

<sup>31</sup> - Em: *Ancient Egyptians and Chinese in America* (Egípcios Antigos e Chineses na América), de R. A. Jairazbhoy.

## A ROTA SECRETA A PARTIR DA GUINÉ

De uma das obras que compulsa em seu trabalho ( *“Cristóvão Colombo, sua vida, sua obra, seu legado”*, de John Boyd Thacher), Van Sertima organiza a primeira parte – a rota secreta partindo da Guiné – onde informa: *“A edificação da nova cidade de Isabela, a luta para dominar e converter os nativos do Caribe (que haviam massacrado o primeiro povoamento de espanhóis e demolido seu forte) ocupou a maior parte do tempo de Colombo, até o retorno de sua segunda viagem, em 1496. Enquanto em Espanhola (atualmente Haiti e República Dominicana) algo ocorreu de forma a confirmar e complementar o que Dom João I havia dito. Os nativos deram provas de estarem negociando com povos negros. Ele levara para a Espanha provas concretas desse comércio. “Os nativos de Espanhola informaram que haviam estado ali negros que carregavam lanças cujas pontas eram feitas em metal, que chamavam de gua-nin, das quais parte Colombo enviou amostras para seu soberano testá-las. Concluíram que de 32 partes, 18 eram de ouro, seis de prata e oito de cobre”*. Essa referência encontrava-se na obra. Prossegue Van Sertima: *“A origem da palavra gua-nin pode ser encontrada em línguas mande da África do oeste, tais como Mandingo, Kabunga, Toronka, Kankanka, Bambara, Mande e Vei, onde a palavra ka-ni, traduzida em fonética nativa, chegará a gua-nin.*

O livro de Van Sertima foi escrito como um romance, recriando de forma ficcional personagens, fatos e locais da época em que descreve feitos históricos apoiados em pesquisa. Assim, já no primeiro capítulo, ao mesmo tempo em que divaga, informa a seus leitores, sedentos do enunciado no título de sua obra. *“No anoitecer do sábado, 9 de março de 1493, uma semana após Colombo haver sido desviado por uma tormenta para Lisboa, em sua primeira viagem para as Índias, ele sentou-se para jantar com o rei português, em sua corte no vale do Paraíso”* (este fato é assinalado em *“Cristóvão Colombo, sua vida, sua obra, seu legado”*, de John Boyd Thacher). Prossegue Van Sertima: *“Dom João parecia*

*estar em excelente estado de espírito. Falava com Colombo como se para um grande amigo, com carinho e suavidade, insistindo para que seu convidado não se mantivesse de pé, se curvasse ou concedesse qualquer tipo de deferência, senão que se sentar ao lado de dele, como se iguais fossem. O almirante mostrava-se surpreso, profundamente encantado com a hospitalidade do monarca, mas sobretudo maravilhado com a aparente ausência de qualquer tipo de ressentimento por parte do rei português. Durante todo o jantar procurou fixar-se no rosto de Dom João, cismando se a máscara de repente iria cair e revelar a malícia que Colombo acreditava estar escondida por detrás. Havia Dom João enviado três caravelas armadas persegui-lo, setembro último, quando ele iniciara sua jornada? Não teria o rei dado ordens de que nas ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores, e nas demais regiões e portos onde havia portugueses, Colombo deveria ser preso? Apenas na última terça-feira Bartolomeu Dias, patrono da frota real, armado até os dentes, o teria confrontado, de forma que ele se encontrava agora impotente no porto de Lisboa, com o velame rasgado na metade, face ao temporal que teve de enfrentar”.*

O encontro entre o almirante e o rei prossegue, e Van Sertima toca em seu objetivo, escrevendo: “ O rei esta seguro disso. Africanos, ele disse, haviam viajado para aquele mundo, que pode ser encontrado logo abaixo da linha equinocial, aproximadamente no mesmo paralelo com as latitudes de seus domínios na Guiné”. De fato, “encontraram navios que iniciaram a partir da Guiné e navegavam para o oeste com carregamentos<sup>32</sup>” “O rei sentia-se verdadeiramente um tolo por não haver enviado uma frota expedicionária nessas águas, apesar de persistentes rumores e relatórios. De qualquer forma, Portugal nesse período já tinha mais do que podia em terras na África, e concentrava suas energias na exploração da rota oriental para a Índia”.

---

<sup>32</sup> - Em *Africa and the Discovery of America* (África e a descoberta da América), de Leo Weiner, edit.. Philadelphia, Innes and Sons, 1920-22, Vols. 1-2)

Nesse primeiro capítulo, Van Sertima se ocupa em grande parte com o documento que ficou conhecido como Tratado de Tordesilhas, para voltar à questão de seu objetivo: *“A Linha (Tordesilhas), como a propôs Dom João, foi finalmente ajustada entre as duas grandes potências. Era um período anterior às incursões ao sul da América, pelos espanhóis e portugueses. A descoberta, mais tarde, do continente, situou o Brasil a leste da Linha, ficando, pois, sob o domínio de Portugal”*. Então o narrador fala da rota da Guiné, assim: *“Essa região da América do Sul é banhada pela corrente equatorial norte, que se junta com a corrente das Canárias, vinda da costa africana da Senegâmbia (costa dos atuais países Senegal e Gâmbia). Essa corrente empurra os navios que nela ingressam, na África, para as praias do Novo Mundo, com o irresistível magnetismo de um campo gravitacional. Foi nessa corrente que o capitão português, Alvares Cabral, empurrado por uma tempestade para fora da costa oeste da África, em 1500, foi levado impotente, mas seguramente para o Brasil<sup>33</sup>”*.

E essas correntes teriam conduzido, séculos antes, outros navegadores não ibéricos, mas africanos, para as costas sul-americanas. *“Nessa terceira viagem, Colombo conseguiu mais evidências das relações entre a Guiné e o Novo Mundo. Num local onde aportou na costa americana do sul, no dia 7 de agosto de 1498, os nativos lhe trouxeram ‘lenços em algodão simetricamente tecidos e produzido em cores como aquelas adquiridas da Guiné e dos rios de Serra Leoa’. Essas foram as marcas mais antigas da presença africana. Durante a primeira e segunda décadas do chamado período dos descobrimentos, fundações e artefatos foram encontrados pelos espanhóis. Quando não eram registrados como sem importância, eram ignorados ou suprimidos. Mas a história não se destrói com facilidade. Nas tradições orais dos nativos americanos e dos africanos guineanos, nas notas de rodapé de livros espanhóis e portugueses, parte da história se mantém. Outra parte resiste preservada sob os solos americano e africano. Na medida em que esses solos*

---

<sup>33</sup> - Nota de Van Sertima: “A expedição empreendida por Pedro Álvares Cabral, que se dirigia de Lisboa para Calicut, em 9 de março de 1500, composta de treze navios, viu-se, inesperadamente, afastada da costa africana por uma tempestade, atingindo as praias do Brasil. Cabral deu à região o nome de “Terra de Santa Cruz”. Ele retornou a Lisboa em julho de 1501. Mais detalhes em John Boyd Thacher, Vol. 2, p. 444.

*têm sido escavados arqueologicamente, um novo esqueleto emerge da história desses mundos adjacentes.*

## AS TESTEMUNHAS VISÍVEIS

“Estaria em contradição com a lógica mais elementar e com todo o conhecimento artístico, pudessem os nativos representar de forma magistral a cabeça de um negro, sem perder uma sequer de suas características raciais, sem que tivesse, em verdade, visto uma tal pessoa. Os tipos de povos representados devem ter vivido na América... O elemento negróide está bem assinalado nos grandes monumentos Olmec, em pedra, bem como em itens produzidos em terracota, não podendo ser, desta forma, excluídos da história pré-colombiana da América”. Em *A arte em cerâmica na fase pré-colombiana nas Américas do Sul e Central*, por Alexander Von Wuthenau, Van Sertima enriquece a afirmativa, para alcançar seu objetivo, escrevendo: “... populações negras foram encontradas na América em número muito pequeno, sob a forma de tribos isoladas em meio a diferentes nações, tal como os Charruas no Brasil, os Caribes de São Vicente, no Golfo do México, os Jamassi da Flória... Da mesma forma é a tribo da qual Balboa viu alguns representantes, quando passou pelo istmo (Golfo) de Darién, em 1513. Ainda, poderia parecer, pela expressão de Gomara, que se tratava verdadeiramente de negros, tipo que era bem conhecido pelos espanhóis...” E aduz mais adiante: “Uma cabeça do período pós-clássico contempla-nos com força vital e determinação pelos cinco séculos que se passaram. Trata-se evidentemente do tipo africano que veio para aqui em 1310, na força expedicionária de Abubakari 2º, do Mali. Esses homens causaram um tremendo impacto sobre os mistecas, últimos dos grandes ceramistas pré-colombianos, posto que se trata de uma rara escultura em cerâmica. Foi encontrada em Oasaca, no México. Seu realismo é tocante. Nenhum detalhe é impreciso, cru ou imprecisamente manufaturado. Nenhum acidente de estilo pode ser levado à conta de incontestada negrura das feições. Dos bastos, vívidos lábios, a pigmentação negra da pele, a formação óssea prognata das maçãs do rosto, as narinas amplas e o nariz generosamente basto, até os brincos cerimoniais e o quepe de algodão,

*Cadamosto<sup>34</sup>, encontrado nos canoieiros da Gâmbia – o artista americano capturou, sem qualquer dúvida, a face desse africano”.*

“Achados desse período, somadas às cabeças de pedra e máscaras negróides em cerâmica na mesma época, obrigam-nos a considerar novamente os extraordinários paralelos entre a antiga América e África nesse período, afastados antes por serem considerados como mera coincidência. Não é estranho que nesse mesmo período, quando o negro africano começa a despontar no México e a afetar significativamente a cultura olmeca, as primeiras pirâmides, múmias, crânios trepanados, estelas e hieróglifos começaram a despontar nas Américas? Não é estranho que, durante esse mesmo período, a dinastia negro-africana ganhe ascendência no Egito e os faraós negros (negro núbios) sejam senhores da coroa da serpente emplumada do alto e do baixo Egito? Nenhuma múmia, ou pirâmide aparecem neste hemisfério durante o apogeu dessas coisas no mundo egípcio, mas repentinamente elas despontam por inteiro no mesmo ponto no tempo, na medida em que os negros núbios conduzem um renascimento cultural egípcio, restaurando essas práticas que há muito haviam interrompido no Egito e para as quais não havia precedente evolutivo na América.

“ O Egito se encontrava num período muito instável, e movimento incomuns de navios e tropas refletiam essa incerteza. Frotas egípcias e fenícias, bem como flotilhas fenícias a soldo de monarcas núbios do Egito, mantinham-se em movimento através do Mediterrâneo (os fenícios deslocando-se mesmo no Atlântico Norte em pontos tão distantes como a Cornualha, em busca de suprimentos de estanho). Navios procurando metal, circulando nas vizinhanças do norte da África, bem que poderiam haver sido apanhados por tempestades e lançados fora do curso naval pelas correntes do Atlântico Norte. Um acidente dessa ordem (que ocorreu em muitas instâncias documentadas) pode somar para o surpreendente aparecimento dentre os olmecas de negros com elementos da cultura egípcia”.

---

<sup>34</sup> - Navegador veneziano Alvise da Cadamosto, descobridor (1421) o arquipélago do Cabo Verde, na costa ocidental da África. Explora nos dois anos seguintes os rios Senegal e Gâmbia, a serviço de Portugal.

## O PRÍNCIPE MARINHEIRO DO MALI

“Nós somos veículos da fala; nos somos repositório que abrigam segredos velhos como séculos... sem nós, nomes de reis iriam se evaporar no esquecimento; nós somos a memória da humanidade; através da palavra damos vida às façanha e bravura dos reis para as novas gerações.

A história não tem segredo para nós; ensinamos para o povo à medida que julgamos necessário, pois somos nós os que guardam as chaves das doze portas do Mali...

Ensino a reis sobre seus ancestrais, fazendo com que a vida dos antepassados possa lhes servir de exemplo, pois o mundo é velho, mas o futuro nasce do passado. Está em Sundiata: Um épico do Mali<sup>35</sup>”.

Neste ponto, como na epígrafe, é narrada a história de Abubakari 2º, do Mali, que se propôs construir uma embarcação oceânica que poderia usar velas, quando houvesse vento, e remos também. O que se fazia necessário era o impulso inicial, pois acreditava na existência de correntes marítimas que haveriam de impulsioná-lo adiante, para terras desconhecidas... Contam os bardos da cultura oral do Mali que em 1311 Abubakari 2º passou o comando do reino a seu irmão, Kankan Musa, e embarcou numa viagem sem retorno, singrando as correntes do Atlântico que podem tê-lo levado, como ocorreu com outros navegantes, desde os tempos dos egípcios, às praias das Américas.

Muitos séculos depois, os depoimentos<sup>36</sup> a seguir viriam a avalizar as hipóteses levantadas, nas histórias dos bardos africanos:

Clinton Edwards, em *Man Across the Sea (O homem além do mar)* assevera: “Talvez a maior contribuição de Heyerdahl<sup>37</sup> tenha sido mostrar com um exemplo que

---

<sup>35</sup> - Do folclore do Mali. Pode ser ouvido ainda hoje nos *griots* (bardos) cantadores da história local.

<sup>36</sup> - Recolhidos por Ivan Van Sertima.

<sup>37</sup> - Thor Heyerdahl, nasceu em 1914. Etnologista norueguês e explorador liderou a expedição Kon Tiki (1947) que, num jangada, viajou através do Oceano Pacífico, do Peru até Tuamotu, para demonstrar que polinésios podem ser de origem sul-americana. Em 1970 ele atravessou o Atlântico, do Marrocos até

longas viagens em embarcações 'primitivas' não eram impossíveis. A prova talvez tenha sido importante para alguns americanistas. Não era, todavia, para os que conhecem o mar". E James Bailey, em *The God-Kings and the Titans (Os deuses-reis e os titãs)*, que escreve: "Uma vez que você esteja na costa oeste da África as seguintes alternativas devem ser levadas em consideração: quanto melhor seu navio, mais acuradamente será feita a travessia, tendo a América como objetivo. Quanto pior sua embarcação, mais facilmente será feita a travessia, por engano". Ou ainda Frederick Pohl, em *Amerigo Vespucci, Piloto Maior (Américo Vespúcio, o maior piloto)*. "Na estação adequada era muito viável atravessar o Atlântico, próximo ao Equador, em pequenos barcos abertos, da África em direção ao sul da América".

Para dar ênfase à força das correntes marítimas sobre as viagens primitivas, é dado como exemplo a explanação de Alexander von Humboldt, que assim explica o ocorrido com Pedro Álvares Cabral: "Esse piloto, que Dom Manoel enviou para dar seguimento ao caminho de Vasco da Gama para as Índias, desejando afastar-se das calmarias do Golfo da Guiné... acostou inesperadamente nas praias do Brasil. O conhecimento íntimo que se tem hoje em dia, da multiplicidade dessas correntes ou correntes pélagas de temperaturas diferentes que atravessam o grande vale longitudinal do Atlântico, oferece uma explicação fácil para a extraordinária deriva em direção ao oeste que o pequeno esquadrão de Cabral experimentou<sup>38</sup>".

## OS TESTEMUNHOS DA PESQUISA

Em "*Eles Vieram antes de Colombo*", Ivan Van Sertima, transcreve os seguintes depoimentos, cada um como epígrafe de um capítulo:

---

Barbados, num barco de papiro, para demonstrar que os egípcios da antiguidade poderiam ter viajado para as Américas.

<sup>38</sup> - Ver Cabral's Voyage to Brazil and India, Hakluyt Society, 1937.



“Observam-se a fusão de duas forças, tradição e novidade para gerar o império Azteca... Essa fusão foi acelerada pela chegada de uma série de imigrantes civilizados, que trouxeram consigo antigo saber. Os mais interessantes eram aqueles que os cronistas chamaram “Os que retornaram...” Em *Mexico Before Cortez* (O México antes de Cortez), de Ignacio Bernal.

“O que foi mais característico na cultura pré-dinástica do Egito é devido seu intercurso com o interior da África e a influência imediata desse permanente elemento negro que tem estado presente na população do sul do Egito, desde os tempos mais remotos até nossos dias”. Em: *Ancient Races of the Thebaid* (Raças antigas do Tebano), de Randal Mc Iver.

O Egito foi mais um receptor do que um doador... O Egito antigo foi essencialmente uma colonização africana. Em: *The African Past* (O passado africano), de Basil Davidson.

“É durante esse período que é encontrado em La Venta, no Golfo do México, um complexo de figuras associadas ao ambiente núbio-egípcio-mediterrâneo, desse período: quatro cabeças negróides em pedra maciça, com capacetes no estilo egípcio, e uma figura de aspecto mediterrâneo postada ao lado, esculpido num monólito, com uma barba cerrada, um nariz semítico, calçando sapatos voltados para cima (seria um capitão do mar fenício?)”. Em *The Quest for America* (A busca da América), Gordon Ashe.

“Existe algum outro local na terra tão completamente envolto nas sombras, tão mudo quanto todas as nossas dúvidas?... Como explicar porque muitas das urnas, uma parece representar esfinge egípcia; outra o deus Ra, com cabeça de pássaro; e porque os relevos na ‘Galeria dos Dançarinos’ são parcialmente em estilo assírio e parcialmente retratando tipos negróides? Como, por que e desde quando? Em *Entdeckungen* (?) in Mexico (Descobrimento no México), de Egon Erwin Kisch.

“Esses elementos postos juntos sugerem uma tripulação com tropas núbias e egípcias no comando, um navegador de origem fenícia, provavelmente um hitita ou dois, um grupo de assistentes egípcios, homens e mulheres, como as mulheres negras egípcias da era pré-clássica das terracotas americanas, cuja semelhança com a rainha negróide Tiy o professor Wuthenau assinalou”. Em: *The Art of Terracota Pottery in Pre-Columbian South and Central America* (A arte oleira em terracota na fase pré-colombiana nas Américas do Sul e Central), por Alexander Von Wuthenau.

“O fato surpreendente é que por todo o México, de Campeche, no oeste à costa sul de Guerrero, e de Chiapas, próximo da fronteira com a Guatemala, ao rio Panuco, na região Huasteca (norte de Veracruz), peças arqueológicas representando povos negros ou negróides foram encontradas, especialmente em sítios arcaicos e pré-clássicos. Isto também mantém-se verdadeiro em muitas áreas de mesoamérica e distante na América do Sul, como no Panamá, Colômbia, Equador e Peru.” Em: *Unexpected Faces in Ancient America* (Faces inesperadas na América antiga), de Alexander Von Wuthenau.